VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

UM OLHAR SOBRE AS REPRESENTAÇÕES ICONOGRÁFICAS DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS EM LIVROS DIDÁTICOS (1997-2004)

Isabelle C. de Almeida Souza*

Como afirma Mauad, é necessário para a leitura de uma imagem, executar um exercício de ver e reconhecer. Logo, as imagens contidas em livros, revistas, é um agrupamento de variados tipos de imagens que estão incorporados ao produto cultural que lhe dará valor e significado, a partir de um processo de historicização da representação visual. Neste momento o ver e reconhecer são executados, sendo um exercício em que o aprendizado irá se processar em um ambiente cultural historicamente determinado, seguindo as regras de codificação delimitadas pelas práticas sociais de produção de sentido. (2009, p. 251). Ou seja, a imagem será lida/ interpretada a partir do contexto em que ela esta inserida.

Ao se deparar com uma representação imagética é necessário que o historiador tenha,

> As mesmas atitudes críticas adotadas em relação a outras fontes, particularmente a escrita. A começar pelas legitimas questões sobre a autenticidade do objeto e a elaboração (quais limites cronológicos? qual coerência?) do corpus documental. É necessário questionar a eventual genealogia da imagem...E avaliar corretamente a representatividade e o caráter lacunar ou não do corpus com o qual se desejar trabalhar. As coleções podem ser aleatórias ou censuradas, e devemos desconfiar de

* Mestranda pela Universidade Federal da Paraíba.

> conclusões baseadas unicamente na presença ou na ausência de peças que resistiram ao tempo.(SANTAMARIA, 2007, p. 152)

Se alguns desses questionamentos apontados acima, e também levantados por Mauad, não são possíveis de serem abordados, pode ocorrer o que afirma Bueno quando salienta que, se uma imagem é apresentada no livro didático como realidade, a imagem repaginada pelo autor/ilustrador/editor pode vir a ser tida como algo que aconteceu na realidade, porque é o que o aluno deseja ver. E aquilo que representa o que poderia ter acontecido, transforma-se em aquilo que de fato ocorreu (2003, p. 60).

A imagem tal qual aparece não é a realidade histórica em si, mas carrega consigo partes dela, traços, aspectos, símbolos, práticas, códigos, perspectivas, cabendo-nos a sua interpretação para que possamos compreendê-la. A imagem não se esgota em si mesma: há sempre novas possibilidades de lê-la; por meio da iconografia o historiador pode adentrar em outros temas, fazer novas conexões, compreendendo que a imagem na sua composição e produção agrega diversificados interesses chegando, na maioria dos casos, ao nosso contato como uma reprodução de determinada imagem produzida, sofrendo interferência no processo de reprodução, contendo desta maneira, não somente as intervenções de quem a produziu, mas também no seu processo de reprodução, já descaracterizada de sua antecessora denominação de "representação do real". Neste a imagem adquire novos significados, que abarcam, neste momento, os processos/interesses de quem produziu e também de quem reproduziu.

Peter Burke apresenta três níveis de interpretação das representações iconográficas, sendo, o primeiro desses, a descrição pré-iconográfica que está voltada para o "significado natural". Ela fundamenta-se no reconhecimento de objetos (exs: árvores, prédios, animais e pessoas), e eventos (ex: refeições, batalhas, procissões). O segundo nível é a análise iconográfica no sentido restrito destinado ao sentido convencional. O terceiro é o principal nível que é o da interpretação iconográfica, e se distingue da iconografia por voltar-se para o significado real (BURKE 2001, p. 45 *Apud* KOEHLER, s/d, *p.2)*

Esses termos podem ser utilizados para a interpretação da arte (destacando composição ou cor) e a fotografia (abordando o suposto realismo da reprodução fotográfica).

Para a compreensão das representações imagéticas que compõem os livros didáticos atualmente, é necessário destacar que estas iconografias passam por uma seleção que abrange a escolha do autor do livro, envolvendo também os ilustradores ou fotógrafos, revisores, especialistas em pesquisa iconográfica e editores, fazendo, dessa maneira, parte de um projeto mais amplo e muitas vezes impessoal.

A consideração desses processos é imprescindível, as escolhas acertadas na composição dos manuais didáticos irão influenciar na diminuição ou aumento das cores na impressão, nos tamanhos das imagens e na seleção das mesmas. Aspectos como esses serão importantes para a compreensão de como os livros serão aceitos no mercado. ·No Brasil, a representação iconográfica nos LDs será marcada pela presença de personalidades ligadas à política, perdurando deste modo até meados de 1930(BUENO, 2003, p.12-13).

A maior utilização de imagens nos livros didáticos está ligada à popularização de representações iconográficas a partir da década de 1960 através das revistas ilustradas, do cinema, da televisão, das cidades cobertas de cartazes publicitários, da repercussão na cultura escolar. (BUENO, 2003,p.25). Sobre o aumento de representações iconográficas em livros didáticos, Bueno destaca:

> Isto ocorreu porque o preço do livro didático deveria ser reduzido, visando aumentar sua lucratividade e comercialização. Os editores utilizaram matrizes litográficas que já faziam parte do seu acervo. Além disso, somado ao uso de um papel de menor qualidade, processo de impressão dos Livros Didáticos era mais simplificado e consumia menor quantidade de tinta. (2003, p. 28)

Rodriguez Dieguez categoriza as representações imagéticas presentes nos LDs, a partir de oito funções (*Apud* MONTEIRO, 2009, p. 06).

- Motivadora: A imagem rompe com a monotonia do texto escrito;
- Vicarial: substitui a presença de um objeto ou de palavras;
- Catalisadora: atua na reorganização do real;
- Informativa: semelhante ao processo vicarial, mas nesse caso a imagem é central, é a principal informação no Livro Didático;
- Explicativa: Explicação gráfica de uma sequencia de fatos;

● Facilitadora redundante: a interação entre texto e imagem dá-se pela repetição do texto através da imagem;

● Estética: quebra mais uma vez a monotonia textual;

● Comprovadora: verificação de uma ideia.

As representações iconográficas utilizadas nos livros didáticos também tinham, e ainda tem a finalidade de facilitar o entendimento em determinado assunto. Alguns autores acreditavam que as iconografias facilitariam a memorização do texto escrito. As escolas do Século XIX tinham essa perspectiva, (BUENO 2003, p. 75-76). Logo, compreendemos que as representações imagéticas eram vistas como tendo uma função muito mais ilustrativa, uma representação do real, do que como uma linguagem documental munida de seus próprios significados, essa interpretação da função da imagem nos livros didáticos, ainda prevalece na maioria dos livros didáticos.

Atualmente as imagens não somente compõem o livro didático como também tem sua presença e o uso recomendado. As representações iconográficas nos Livros Didáticos de História é um critério a ser executado como componente curricular, sendo um fator eliminatório (inclusão ou exclusão de imagem nos LDs tem peso no processo de avaliação no PNLD, acarretando na recomendação ou não, para o uso nas escolas).

No Programa Nacional do Livro Didático, as imagens devem ser apresentadas como um recurso que aporte as "possibilidades de significação histórica", e com as caricaturas, os depoimentos, as reproduções de pinturas, as charges, as fotografias, que compuserem os LDs devem vir juntamente com "uma atividade de leitura, de interpretação e interação, referenciando, sempre que houver pertinência, sua condição de fonte para a produção do conhecimento histórico" (PNLD 2012, p. 15).

Compreendemos que as iconografias são fontes históricas com as quais os professores de História e os historiadores devem manter contato continuo, sabendo indagá-las e ouvir suas respostas (PAIVA, 2006, p.17). Na impossibilidade, em sala de aula, do professor ter reproduções imagéticas que seja possível trabalhar com os alunos, o livro didático fornece uma quantidade razoável de imagens com uma variedade considerável (reproduções de pinturas, fotografias, charges, litogravuras etc.), que lhe permitem fazê-lo e construir o conhecimento juntamente com os alunos sobre as representações imagéticas selecionadas.

Porém, na sua utilização, não podemos esquecer que as imagens nos livros didáticos não são inseridas de modo imparcial, mas como representações que estão relacionadas a tendências estéticas, literárias, ideológicas. É também encaixada na concepção de que livros didáticos com muitas imagens fariam, em sala de sala, uma leitura mais agradável em que os alunos demostrariam mais interesse nas aulas de História. O ato de selecionar determinadas imagens reflete os posicionamentos do autor do livro, que, como já foi mencionado, não é o único responsável pela seleção das fotos, mas cabe também à editora que o publicará e de tantos outros que estiverem envolvidos na sua elaboração (BUENO, 2003, p.36).

Na prática cotidiana o professor historiador poderá lidar com omissões, e também estar atento para o processo de difusão e recepção das imagens. A legenda ou um comentário pode influenciar o impacto da imagem. Na contextualização das representações iconográficas, a datação, como já ressaltamos, é um aspecto muito importante a ser considerado para que seja possível fazer alguns questionamentos a imagem nos livros didáticos (SANTAMARIA, 2007, p.153).

Vale salientar também que as imagens que se encontram nos LDs são reproduções de pinturas, fotos que sofrem um processo de simplificação até serem enquadradas nas folhas do material didático. Isso pode ocorrer sob a forma de uma mudança nos tons das cores, na textura, quase impossível de ser reproduzida no papel, na diminuição do tamanho gerando em alguns casos a exclusão de algum personagem/ objeto que faria parte da obra de arte original. Quando essas modificações são seleção do autor para valorizar ou desvalorizar determinada concepção/personagem; novas leituras poderão ser realizadas a representação iconográfica (BUENO, 2003, p.50). Atualmente, as formas de reprodução das imagens são editadas no computador, no qual os editores tentam aproximar da foto original.

Essas conclusões nos levam a enquadrar a imagem presentes nos livros didáticos, em um grau de complexidade maior que a própria obra (seja pintura, litogravura ou fotografia),pois esta própria, com pretensão de ser um retrato do real – como realmente aconteceu, sofrendo novas intervenções quando reproduzidas, nos levará a novos questionamentos e novas compreensões/interpretações.

Sabendo de antemão que a leitura das imagens não é passiva, mas comtempla múltiplos aspectos, as imagens reproduzidas nos LDs oferecem diversos significados. A formação gráfica das imagens que já passou por processo de manipulação para ser

enquadrada nos padrões estéticos e técnicos do livro possibilitarão novos significados ao ser relacionado ao texto, abrindo mais uma vez o leque quando relacionados com a legenda. Outras informações e possibilidades surgem ao relacionarmos uma imagem a outras iconografias.

Ao analisarmos estes aspectos posteriores à produção da imagem, podemos também compreender um pouco a inserção do livro didático na lógica de sua composição e fabricação, processos estes que estão ligados à circulação dos livros produzidos e a lógica de mercado. Podemos também compreender como são pensadas as representações da História do Brasil, a História do Livro, exigências de mercado, propostas pedagógicas dentro das perspectivas atuais de produção. Estes segmentos participam da composição/colocação das representações iconográficas nos LDs. Cada segmento discriminado carrega em sua composição interesses que vão ser comtemplados na reprodução imagética presente no livro. A imagem desvela um olhar sobre sua época de produção ultrapassando a concepção de ser unicamente uma representação de um período remoto (BUENO, 2003, p.51-52). Todavia,

> As forças das imagens nos livros dependem sempre de confiarmos na ideia do pintor, do fotografo ou do ilustrador do livro, que em conjunto com o autor do texto que nos indicaria o caminho para uma dada verdade. Depende também de acreditarmos que nada foi criado por esses produtores e, portanto que algo está sendo revelado (SONTAG, 2000 *Apud* BUENO, 2003).

Sobre este ponto, como qualquer fonte histórica, deve passar pela identificação do seu contexto, para não nos limitarmos à compreensão de uma reprodução iconográfica. A exemplo das representações de indígenas, que podem surgir somente como o índio único, exótico, quando não atemporal, colocado no passado (ROCHA, *Apud* GRUPIONI, 1996, p. 429).

As imagens transmitem ideias e valores, perspectivas e anseios, são frutos de determinadas épocas. Muitas imagens utilizadas em LDs, principalmente no que se refere às pinturas, são baseadas em representações europeias, segundo as quais o ideário de civilização, de modo de vida era o europeu.

Exemplificando mais uma vez como ocorrem esses processos de captura, reprodução e repercussão das produções iconográficas, utilizaremos as representações do indígena que é também nosso objeto de estudo. Temos, durante o século XIX, representações iconográficas dos povos nativos do Brasil, em número consideravelmente

baixo. As primeiras imagens de índios foram realizadas na França, consistindo em um grupo de cinco daguerreotipos dos indígenas botocudos. Essas imagens foram feitas por E. Thiesson quando um grupo de indígenas foi levado para a França para apresentações de eventos científicos(TACCA,2001, p.192). Sobre essas representações imagéticas de indígenas, Fernando Tacca afirma:

> Ao nos debruçarmos sobre um itinerário longo e permeado por inúmeras fotografias sobre indígenas brasileiros desde o Século XIX, aos dias de hoje, podemos criar uma armadilha inescapável de uma generalização inconsistente. Sabendo de antemão das dificuldades de tal abordagem e reconhecendo lugares da circulação da imagem pela qual o imaginário tem articulação e vibração intermitente, ou seja, lugares nos quais as imagens são referenciadas e elevadas à condição simbólica, as escolhas se darão dentro do campo de conjuntos importantes para a formação e alimentação imagética do índio brasileiro como "selvagem", considerando uma imagem de vivencia tradicional, ou na sua condição de passagem para uma imagem civilizada. (TACCA, 2001, p.84).

A partir dessa afirmação podemos concluir que, quando examinamos representações imagéticas de indígenas nos livros didáticos, sejam elas pinturas ou fotografias, não podemos tirar de vista que essas imagens foram produzidas pelo outro, ou seja, pelo não índio. Esse cuidado é necessário para evitar as generalizações sobre essas populações, que, em um momento, são sentenciados como selvagens ou então, em outro, inseridas em um contexto civilizado. (TACCA,2001, p. 84).

O livro didático é recheado de variados tipos de representações imagéticas. Atualmente temos, além das representações de pinturas clássicas, fotografias, gravuras, charges, desenhos, que permitem múltiplas leituras e recursos visuais para um século visual. Nos livros atuais, contamos com a fotografia, um recurso que permite instantaneamente a captura da imagem desejada, mas que, como todo mecanismo/objeto, é passível de intervenção e manipulação. O livro *História do Brasil* das autoras Elza Nadai e Joana Neves, faz uso considerável desse recurso visual, privilegiando dessa maneira, imagens menos utilizadas pelos livros didáticos atuais.

O objetivo deste trabalho é perceber como o indígena é representado nos livros didáticos **Tempo e Espaço - História** e **História do Brasil**, destinados ao Ensino Médio, como já foi explicitado anteriormente. Os livros escolhidos tem a autoria de três professores: Flávio Beruti, Elza Nadai (falecida) e Joana Neves.

O livro **Tempo e Espaço**-*História*, destinado ao Ensino Médio, é um volume único de História Geral e do Brasil, de autoria de Flávio Beruti. O LD é composto por 624 páginas que estão divididas em 6 unidades variando os números de capítulos dentro de cada uma, totalizando 35 capítulos. O livro foi produzido pela Editora Saraiva, de São Paulo, sendo esta primeira edição, de 2004.

O livro didático **História do Brasil**, destinado ao 2º Grau, publicado pela Editora Saraiva, em sua 19ª edição no ano de1997, de autoria das professoras Elza Nadai e Joana Neves, tem composição estética um pouco diferenciada da maioria dos livros didáticos. Possui o tamanho24x18, menor que os demais LDs, e suas imagens estão em preto e branco. A única cor que o compõe é a laranja, nas laterais das páginas do livro, e a capa na qual encontramos 4 reproduções iconográficas na parte superior, ao lado do nome do livro e das autoras, essas imagens são formadas por, de um lado, uma cana-de-açúcar. Do outro lado, um ramo de guaraná, no meio, a reprodução de pintura de negros exercendo alguma atividade não identificada, a autoria e ocupando o maior espaço, a reprodução da pintura de Tarsila do Amaral, "Operários", medindo 13x16 cm. Ele possui 448 páginas, suas representações iconográficas totalizam 175 imagens sendo 21 delas com a presença de indígenas.

REFLEXÕES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES ICONOGRÁFICAS

O critério escolhido para a análise de imagens é observação e reflexão sobre como as representações iconográficas de indígenas são apresentadas em ambos os livros selecionados nos capítulos referentes ao início do processo de colonização do Brasil. Este período foi selecionado por ser ele é o que contém o maior número de representações iconográficas de indígenas. Foi observada a relação entre a imagem, a legenda e o texto escrito e como as representações iconográficas de indígenas são apresentadas nestes capítulos.

Não pretendo fazer a leitura imagética apresentando as únicas possibilidades de interpretação, mas abrir o leque para possíveis reflexões a partir do que foi observado pois, como afirma Eduardo França Paiva, além da imagem não se esgotar em si mesma, ela sempre proporciona novas possibilidades sendo fruto de "escolhas, seleções e olhares de seus produtores e agentes que influenciaram na produção" (2006, p.19-20). Não são,

também, completas em si mesmas, mas lidas diversamente em cada época, de acordo com as perspectivas de cada observador.

No capitulo 01 do Livro **História do Brasil** de Elza Nadai e Joana Neves, intitulado "*Os donos da terra e suas relações com os conquistadores*", que aborda os grupos indígenas e a chegada dos portugueses ao Brasil, se encontra o maior número de representações iconográficas de indígenas em toda a obra. Temos, ao todo, no capítulo, 9 imagens, dentre as quais 7 são reproduções de fotografias e uma representação de um óleo sobre tela. Somente uma delas não traz indígenas na composição; o capítulo tem 14 páginas.

O capitulo aborda os grupos indígenas que habitavam o território brasileiro no período da chegada dos portugueses, os grupos étnicos encontrados no século XX, as diferenças entre as comunidades indígenas, as relações sociais, econômicas, culturais na época do contato com os europeus, os ritos xamanicos que os indígenas praticavam, o papel da guerra, e os primeiros contatos dos indígenas com os portugueses.

É interessante observar este diferencial em relação ao uso das fotografias. Habitualmente, nos capítulos que apresentam o processo inicial de colonização e dos grupos indígenas que entraram primeiramente em contato com os europeus, é comum, nos LDs, as representações de pinturas[1] que, geralmente não foram feitas no período colonial, mas posteriormente (Século XIX) por uma visão do outro que não presenciou os indígenas que retrata, dois séculos depois do contato com os europeus.

Ao inserir majoritariamente fotografias na explanação do capítulo, observamos que não é somente aquele *índio* que viveu no Séc. XVI que está sendo abordado, mas que esses povos fizeram e continuam a fazer parte do Brasil no período em que o livro foi escrito[2].

O primeiro texto do capitulo[3](que citamos a seguir),e do livro didático, sintetiza bem o que as reproduções de imagens fotográficas exemplificam:

> Somos o povo índio. Somos uma personalidade com consciência de raça, herdeiros e executores dos valores culturais dos nossos milenares

[1] As pinturas mais utilizadas em livros didáticos são dos pintores Vitor Meireles e Johann Moritz Rugendas, que viveram e produziram suas obras no século XIX.

[2] Sendo a fotografia um fenômeno que alcançou maior amplitude no Século XX, e não existiam até meados do século XIX, as fotos encontradas no texto no máximo são do Século XX.

[3] Trata-se de manifesto do Parlamento Índio de San Bernardino, 1974. **O Estado de São Paulo**, 20 de Out. 1974.

> povos da América, independentemente de nossa cidadania em cada Estado.(...). Sustentamos que deve ensinar-se a história começando pela autêntica história das culturas nativas, para contribuir, assim, para a criação da consciência americana. O respeito, surgido do conhecimento de heróis e mártires da História de nossas nações, permitirá um entendimento maior entre os homens que habitamos essas terras.(**História do Brasil**, 1997, p. 7).

Nas legendas das fotografias contidas neste capitulo, consta o nome do autor (a) da foto e a descrição do grupo étnico a que correspondem as imagens: ou seja, as fotografias não são genericamente indicadas como, por exemplo, de um índio no meio da floresta, mas são "Ianomâmi preparando beiju", "Kaiapó lendo a Constituição", "Índios Auá isolados", "Índio Kaapor com parâmetros Plumários", "Mulheres Araweté tecendo redes de algodão", "Kawalapiti tocando clarinete durante ritual". Esse cuidado contribui para quebrar a ideia de um índio genérico que viveu nos séculos passados, e que hoje é lembrado folcloricamente apenas no "dia do Índio", nas escolas, ou como objeto de estudo dos primórdios da civilização humana.

Esta é uma leitura contextualizada do capitulo. Individualmente, se atentarmos para cada uma das imagens, veremos que elas estão inseridas ao lado de textos que abordam as temáticas observadas nas representações imagéticas, ou seja, quando o texto aborda as práticas xamanicas, ao lado está a reprodução de uma fotografia com a legenda: *"Kawalapiti toca um clarinete durante um dos rituais realizados no Parque Indígena do Xingu".* Nesta fotografia, vemos um indígena da etnia Kawalapiti caracterizado para algum ato(na legenda informa que é um ritual) com um clarinete na boca. A imagem captada pela máquina fotográfica nos permite supor que o indígena está em movimento já que uma perna esta mais a frente da outra dando a ideia de que ele está andando, possivelmente ele saiu da oca e está indo em direção a algo que não foi capturado pela máquina fotográfica.

Foto Fred Ribeiro. p.15.

Este é um caso comum nas relações entre textos e imagens nos livros didáticos: geralmente elas aparecem associadas aos textos que as precedem. Ao nos depararmos com uma representação iconográfica associada ao texto, esta imagem cumpre um papel ilustrativo auxiliando na fixação do texto escrito e ilustrando aquilo que já foi dito por ele. Logo, a reprodução da fotografia de um indígena da etnia Kawalapiti é lida como uma prova daquilo que realmente aconteceu.

Outro aspecto que fortalece essa ideia é a legenda referente à imagem não informar a data em que a fotografia é produzida. A omissão de dados importantes na composição de uma representação imagética, como data, autor, local de produção, nos leva a refletir sobre pelo menos duas questões:

● Sabemos que a produção de uma representação iconográfica envolve inúmeros aspectos como: os artistas/autores e seu reconhecimento social, os mecenas, as motivações, o mercado, os museus, os colecionadores, os especialistas, as críticas especializadas, a história, a teoria, as reproduções, as cópias, os públicos. Ou seja, não somente o local sociocultural que irá influenciar, mas as formas artísticas e estilos visuais podem esclarecer a compreensão da sociedade, como explicita Ana Maria Mauad (2008, p.255). Logo, quando, no livro didático, uma imagem não nos fornece os componentes já

citados para que o aluno e o professor possam ler aquela imagem como um texto e compreender que ela é fruto de uma representação do outro que, dependendo de seu lugar social, tendências estéticas e outros fatores vão produzir um material a partir da sua visão e não do que realmente é, chegamos a alguns questionamentos: qual a função das imagens nos livros didáticos atuais? O livro didático como um instrumento facilitador do aprendizado do aluno fornece mecanismos para o aluno e para os professores abordarem esse tipo de fonte historiográfica?

● Outro ponto importante, é inserir o livro didático não somente como o produto do autor do texto, neste caso, Joana Neves e Elza Nadai, mas como um produto coletivo, que envolve diversos profissionais especializados (supervisor editorial, editor, copy-desk, pesquisador iconográfico, editor de arte, produtor gráfico, entre outros) em que o autor do texto- um historiador- pode não ser o mesmo que seleciona as imagens. Como já discutido no primeiro capitulo, o livro didático é também uma mercadoria que está inserida na lógica de mercado. Há casos de historiadores, autores de LDs de História, que dão seus nomes a livros didáticos que foram corrigidos, editorados e até modificados por outros autores[4].

Outro ponto a destacar é que a iconografia está dividindo espaço com texto correspondente a ela. O texto, ao invés de ocupar o espaço inteiro na página, é comprimido, alterando a composição espacial em que o livro estruturou o conteúdo. Bueno argumenta que esta variação de espaço leva a um olhar ritmado do leitor; os autores justificam esse método como uma maneira de "suavizar" a leitura (2003,p.113).

Esse movimento de ler o texto e ver a imagem também reforça a ideia da representação imagética ilustrativa que confirma o 'real' pelo movimento automático que o leitor fará logo após ler o texto escrito e observar a imagem ao seu lado, como também nos permite compreender melhor o que Circe Bittencourt (2004), chama de "múltiplas facetas do livro didático": ele atende ao processo de conhecer e aprender do aluno e ao mercado editorial que precisa torná-lo atraente, evitando o desgaste da leitura do aluno com um texto corridos em imagens e ainda é um veículo transmissor de ideologias e, muitas vezes, de permanências (a imagem estática, sem data, prova do real).

[4] Para saber mais verificar a Dissertação de André Mendes Salles: **A Guerra do Paraguai na Literatura Didática** Um estudo comparativo, Programa de Pós-graduação em História/UFPB. 2011.

A próxima imagem selecionada está presente no livro *Tempo e Espaço – História,* de Flávio Beruti. O primeiro capitulo que apresenta os povos indígenas do território brasileiro é o capitulo 8 da Unidade 3: A Idade Moderna. O capitulo é composto de 19 páginas, com 17 representações iconográficas todas coloridas, sendo três delas referentes aos indígenas.

Por ser um livro de História Geral, os capítulos abarcam grandes quantidades de assuntos. Este, por exemplo, inicia-se com o processo de colonização das terras brasileiras no Século XVI indo até o Século XVIII com os movimentos artísticos como o Barroco, ou seja, todo o período colonial brasileiro foi abordado em um único capítulo.

O capítulo é o último da Unidade "A Idade Moderna"; em sua composição as seguintes temáticas são apresentadas respectivamente: As primeiras décadas do processo de colonização, o desinteresse português nos primeiros 30 anos após a chegada da frota de Cabral às terras brasileiras, a economia colonial, o sistema colonial (latifúndio, a empresa açucareira), as primeiras invasões holandesas, a decadência da atividade açucareira, as primeiras expedições bandeirantes, a descoberta de outro no Séc. XVII, a descoberta de diamantes e os impostos pagos à Coroa, a decadência da mineração, a criação de gado na região sul do Brasil, a colonização da Amazônia, a produção de algodão no Séc. XVIII, a sociedade escravista, as características sociais da sociedade colonial, as capitanias hereditárias, os donatários, a presença francesa no território brasileiro, o sistema do Governo Geral, a presença jesuítica no Brasil, a educação indígena, as manifestações artísticas, o barroco nas obras e na literatura. Como se vê, os conteúdos, que são extensos, foram sintetizados em 19 páginas.

O livro é composto do texto escrito principal, com uma média de uma representação iconográfica por página. Inseridos no texto aparecem os boxes que, neste capítulo, são reproduções de documentos complementando o assunto abordado no texto escrito principal. No caso especifico deste capítulo, os boxes não surgem como uma leitura somente informativa que vai auxiliar no entendimento, mas são parte do texto principal, inseridos dentro dele. No final do capítulo temos as sessões *Para você saber mais, Intepretação do documento, Estudo do Texto e Questões de vestibulares* que já foram apresentadas.

A primeira imagem que compõe o capítulo está inserida na primeira parte do texto que aborda, logo após a chegada de Cabral às costas brasileiras, o contexto do Estado português e seu "desinteresse" em relação ao Brasil nos primeiros 30 anos.

A reprodução imagética escolhida é um recorte de um mapa do Século XVI. No texto mede8x6 cm, a imagem não possui autoria, mas a legenda informa que ela está no Atlas de Miller. Nela podemos visualizar alguns indígenas recolhendo pedaços de madeira, a fauna e a flora local. A parte da obra selecionada indica pontos no litoral brasileiro indo do Maranhão ao rio da Prata, as inscrições nela contidas estão e em latim, a imagem é de autoria de Lopo Homem, cartógrafo oficial do reino Português.

A imagem ocupa espaço ao lado do texto principal e vem acompanhada da seguinte legenda:

"Os mapas representavam nosso território como *terra brasilis*, destacando a extração de madeira feita pelos índios. No litoral aparecem escritos os locais reconhecidos pelos relatos de navegação. Os mapas eram produzidos com distorções e contornos relativos aos limites técnicos da época e o imaginário dos desenhistas. Atlas de Muller, Séc. XVI". (p. 236).

A legenda é composta das informações básicas da reprodução iconográfica: o tipo da imagem, o que está representando, em que contexto foi produzida, a época de produção e em que obra foi publicada.

A legenda é uma importante leitura que contribui para a interpretação da imagem. É através da justaposição da legenda com a imagem que um sujeito histórico pode torna-se uma generalidade. Nas fotografias, as legendas podem contribuir para a

atribuição de imediatismo e convicção de verdade. Ou seja, a legenda que está diretamente ligada a imagem, lhe serve de confirmação da 'verdade' visualizada na representação iconográfica. Direcionando às vezes o olhar do observador para determinados ângulos enfatizados na legenda. (BUENO,2003 ,p. 119).

Na legenda acima descrita, além das informações fornecidas como autor e época, que permitem ao aluno que este faça uma busca sobre quem escreveu para compreender a finalidade das ilustrações nos mapas, para quem se destina a obra, que motivações levaram o autor a produzir o Atlas, quais as características estéticas do período, entre outros aspectos.

Outra informação importante contida na legenda corresponde à explicação fornecida sobre as produções dos mapas: "*....Os mapas eram produzidos com distorções e contornos relativos aos limites técnicos da época e o imaginário dos desenhistas".* A legenda fornece a possibilidade de o leitor entender a representação imagética como obra da "imaginação" e dos limites técnicos da época; ou seja, não é uma imagem de como era/como aconteceu, mas uma representação sobre como o outro (o indígena) é enxergado a partir do europeu e não do próprio indígena.

A imagem reproduzida está inserida de modo semelhante às imagens encontradas no LD **História do Brasil***:* está dividindo espaço com o texto, mas nesse caso, ela precede o texto escrito estando ao lado esquerdo e o texto escrito ao lado direito. Ao lançarmos o olhar sobre o capítulo é possível supor que o assunto está sendo abordado naquele espaço, é referente aos períodos iniciais da colonização onde predominava a extração do pau-brasil. Dessa maneira, a reprodução imagética é também empregada da forma que ela inicialmente foi pensada[5] para os manuais didáticos: auxiliar na fixação do conteúdo facilitando a aprendizagem do tema proposto.

A próxima reprodução imagética selecionada, também do livro **Tempo e Espaço** e inserida no capitulo 8, está inserida ao lado do texto escrito que tem como subtítulo *a ação da Igreja.* Nele o autor apresenta o contexto religioso europeu no Século XVI, e as consequências da Contra Reforma no Brasil. A vinda dos Jesuítas em busca de novos

[5]. Bueno, ao citar Bittencourt comentando Lavisse, um autor francês que escreveu *História da França Ilustrada* e cujo modelo foi adotado nos LDs brasileiros, destaca que o uso de imagens nos Livros Escolares tinha a finalidade de desenvolver a inteligência da criança e "sua capacidade de memorização", a memorização era essencial no processo de aprendizagem tida como um método de ensino incentivado pelos professores. As imagens eram parte deste processo acreditando-se que a memorização da representação imagética, facilitaria a memorização do texto escrito (2003: 75).

súditos para a Igreja e a Coroa, a educação controlada pelos Jesuítas apontando a diferenciação para a educação dada aos filhos das "classes dominantes" e aos indígenas. Sobre estes últimos eles aprendiam a "ter uma nova maneira de viver, com um novo padrão de comportamento, onde eram ensinadas as passagens mais humildes e submissas do Evangelho" (BERUTTI, 2004, p. 245) Ela possui 4x6 cm, sendo bem menor que as demais imagens encontradas no livro. Nela vemos a reprodução de uma pintura com três pessoas: Padre Antônio Viera e dois indígenas. Eles estão no meio da floresta; no centro temos o Padre Antônio Viera tendo, a cada lado seu, um indígena. Ao lado esquerdo do padre, o indígena encontra-se ajoelhado olhando em direção a ele, ao lado direito, o outro indígena também se encontra ajoelhado, mas este observa o Padre que lhe está de costas, embora consciente da presença do indígena do lado direito, pois tem sua mão apoiada no ombro dele.

Abaixo da imagem temos a legenda:

> A colonização precisava estabelecer sua dominação cultural. A conversão dos nativos e colonos ficou a cargo principalmente dos jesuítas. Culto e erudito, Vieira foi um dos fundadores da Literatura feita em território brasileiro. Em seus sermões, destaca-se o tom profético e salvacionista da missão dos portugueses dentro do cristianismo. Vieira viveu no Brasil durante o Séc. XVII. (Tempo e Espaço, Gravura de autor desconhecido, p. 245).

A imagem encontra-se vinculada ao texto, continuando a lógica empregada das imagens com papel ilustrativo, fortalecendo o que já foi exposto no texto escrito, como

prova do real, de como realmente era. Mas a legenda, além de conter informações que, em outras palavras, podem ser retiradas do texto, insere outras informações que não estão contidas nele, no caso do Padre Antônio Viera. Ela, então, assume duas funções: reforça o texto escrito que está ao lado da imagem, como também direciona o foco da imagem, como é entendido pelo título dela (Padre Antônio Vieira).

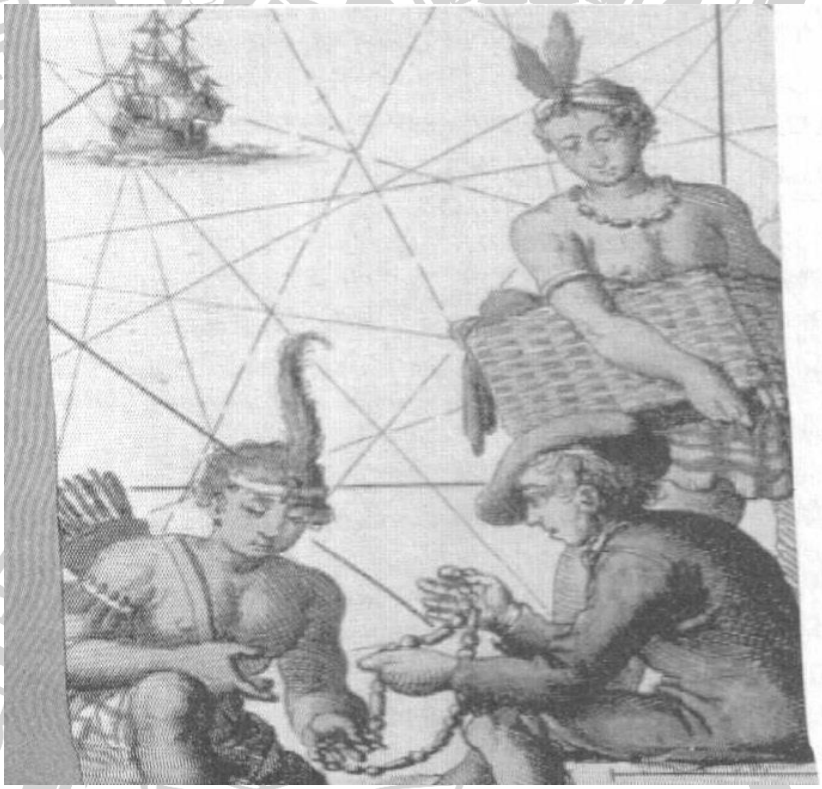
Temos três representações imagéticas no capítulo sobre o período colonial em que, nas três, os indígenas são apresentados a serviço dos portugueses (nas duas primeiras cortando madeira e, na última, em reverência ao Padre Antônio Vieira).

Mesmo havendo o cuidado de informar que o autor da gravura é desconhecido, a ausência de datação, proporciona que a imagem seja interpretada de maneira generalizante. A imagem é típica de uma época, que não foi informada, e representa um determinado período: Séc. XVII. A representação imagética aponta os *índios* catequizados e devotos, e não determinados grupos étnicos que conviveram com o Padre Viera e se adequaram à catequese jesuítica por inúmeros motivos em determinada época.

A reprodução desta imagem está em preto e branco, sendo que a original é colorida. É um detalhe interessante porque as imagens contidas no livro são reproduzidas, em sua grande maioria, nas cores aproximadas das cores originais. O fato de estar em um tamanho bem reduzido em relação às demais contidas no livro e fora do enquadramento do texto, pode ser devido a uma inclusão para completar o número de imagens destinadas ao livro; ajuste feito por profissionais especializados na diagramação do livro, podendo ou não passar pelo crivo do historiador/autor do texto.

A reprodução imagética seguinte está presente no livro das autoras Elza Nadai e Joana Neves no que corresponde ao capítulo 03, ainda sobre o período colonial. Este capítulo tem como tema: *Os primeiros trinta anos: o desinteresse português*. Nele encontramos 4 imagens de indígenas. O capitulo começa na pagina 37 finalizando na página 47, com a inclusão de questões de vestibulares. Como o título sugere, serão abordados os motivos que levaram os portugueses a não investirem no Brasil entre 1500 e 1530, as primeiras expedições, os outros europeus(espanhóis, franceses) que mantinham contato/negócios com os nativos, a exploração do pau- brasil, o indígena e suas relações de troca e as primeiras expedições com a intenção de ocupar o território brasileiro. A leitura complementar é um fragmento da carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. João sobre o "achamento" da nova região na América, especificamente a parte em que é narrado o contato do capitão português com alguns indígenas.

A reprodução iconográfica faz parte também de um mapa, logo ela não é uma produção com um fim em si mesma, mas faz parte de um conjunto maior, neste caso o mapa em que está contida. Na imagem, que se encontra no livro em preto e branco, vemos um homem sentando mostrando um colar para uma índia que também o segura, observando-o. Trata-se da representação típica de quem está comprando ou intencionando comprar(neste caso, trocar) um objeto. Na imagem há outra indígena atrás do homem também observando o colar. A legenda é composta das seguintes informações: *Europeu negociando com nativos. Detalhe ornamental de mapa do atlas de Johannes Van Keulen, 1683. p.38*



A imagem ocupa um espaço anterior ao texto medindo 6x9 cm; ela também passou por um processo de encaixe na estrutura da página, pois ocupa o espaço em que o texto escrito está enquadrado nas outras páginas e uma parte da margem esquerda dando a aparência de estar sobreposta à margem laranja presente em todas as páginas. Esta inclusão/encaixe pode corresponder à composição quantitativa de imagens que cada livro, capitulo vai possuir. Nestes processos, as imagens podem ser achatadas, alongadas, personagens ou objetos serem recortados, modificando o sentido original da imagem. Esta observação nos possibilita refletir que a imagem, além de ser uma representação que não corresponde ao real- como realmente foi- mas que parte do olhar de quem produziu, ao

ser introduzida no livro didático passa por um processo de reprodução e intervenção, logo, um processo seletivo, trazendo em sua nova composição olhares e recortes de ambos os meios em que foi produzida e inserida.

A reprodução imagética em debate, está inclusa na parte que tem como subtítulo "*a concorrência estrangeira"*; no texto as autoras expõem o inicial desinteresse português pelo Brasil, mas motivados pela presença dos espanhóis e franceses que praticavam o escambo com os indígenas, a coroa portuguesa começa a combater o contrabando de pau-brasil. Logo, observamos que a imagem tem uma função ilustrativa facilitadora, já que ao estar inserida antes do olhar inicial do leitor, induz ao leitor a presumir que aquela determinada parte do capítulo está discutindo as trocas, ocorridas entre um homem europeu – possui traços europeus, as roupas são típicas do europeu, e com índios já que estas encontram-se com os seios à mostra, uma carrega, nas costas, um equipamento destinado a flechas, e ambas estão enfeitadas com penas. Mesmo a legenda contendo a data da imagem, de onde ela faz parte e o que é, ela reproduz uma imagem genérica dos primeiros contatos. Duas definições genéricas estão contidas nas imagens: a primeira é definição para o homem: europeu, e para os indígenas presentes: os nativos.

É significativo observar que a imagem obedece a um padrão estético europeu, as índias estão representadas muito mais parecidas com imagens sacras (anjos e santos) do que como indígenas, os cabelos são encaracolados e curtos na altura da orelha, os corpos musculosos, a própria percepção visual da definição sexual das personagens (homem ou mulher) é um pouco dificultada pela composição estética da imagem. Quando a legenda define o homem como europeu (português, espanhol ou francês?) e as índias como nativos (homens ou mulheres? De qual etnia?) ela induz uma leitura generalizante e simplifica os processos de troca e não possibilita, ao identificar as índias como nativos, o questionamento da presença da mulher nas relações de troca com os colonizadores (seria uma imagem verossímil, ou uma liberdade do artista ao colocar a mulher como participante dos processos de escambo?).

A leitura da legenda, *Europeu negociando com nativos*...ao enfatizar que é o europeu que negocia com os nativos, atribui a este o protagonismo de negociante, fortalecendo a concepção de passividade propagada na historiografia e na cultura histórica de que os índios foram apenas colaboradores do processo de colonização, desconsiderando suas motivações e significados nas relações entre indígenas e europeus.

As imagens selecionadas fazem parte de um acervo maior de iconografias presentes nos livros didáticos em que a principal função das reproduções imagéticas é a ilustração. Como já discutimos, a imagem inserida como ilustração, está diretamente associada ao texto principal, fortalecendo as informações contidas no texto. Ela se configura como prova do que realmente aconteceu, descaracterizando os processos já apresentados que influenciam na criação/reprodução de uma imagem.

Quando nos reportamos às representações dos indígenas nos livros didáticos, em que sua presença está concentrada, quando não unicamente representada, nos períodos referentes à colonização do Brasil, nos deparamos com o fortalecimento das concepções sedimentadas sobre os povos indígenas.

É importante destacar que comumente é encontrada nos livros didáticos a presença do indígena restrita ao período colonial. Esse fato fortalece a concepção da sociedade, e até de historiadores, compreenderem os povos indígenas como desaparecidos, ou em desaparecimento, relegados a um passado colonial. E, quando inseridos no presente, destituídos de indumentárias, vestimentas e práticas compreendidas como *de índio*, esses povos não são reconhecidos como índios, já que a limitada compreensão do indígena ainda hoje, é empalhá-lo em roupas e práticas antecedentes, desconsiderando as ressignificações que a identidade e as práticas culturais sofrem ao entrar em contato com outras culturas.

Porém, as possibilidades de interpretação contidas nos dois livros didáticos selecionados ao abordar o indígena, destacando as diversas etnias que habitam o Brasil, quebrando com a concepção de índio genérico e através de informações na legenda, informando ao leitor que as imagens representadas são fruto das visões do outro sobre os povos indígenas, abre o leque para a compreensão do indígena como parte do povo brasileiro, que teve sua história contada por outros e omitida, mas que estão presentes nos debates atuais reivindicando seu papel como agentes históricos com motivações próprias para suas ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que os Livros Didáticos são instrumentos de grande utilidade no cotidiano escolar. Os LDs fornecem materiais que compilam, em um único objeto, reproduções de imagens, textos complementares, documentos, questões acompanhadas de respostas, entre outros recursos. Por fornecer esses complementos o professor tem um material acessível no processo de planejamento de aula, que está ao seu alcance e dos alunos.

Os Programas Governamentais como os do Ministério da Educação(MEC), o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), incentivam que os alunos cuidem de seus LDs para que estes possam ser utilizados por outros e tendo, como previsão, a durabilidade de, no mínimo,4 anos nas escolas públicas. Um processo inverso a esse acontece na produção de Livros Didáticos que, muitas vezes, são reimpressos visando o mercado editorial, e não somente a correção de alguma irregularidade/erro.

O Livro Didático atualmente está cada vez mais inserido na lógica de mercado. Suas produções envolvem não somente as exigências dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), mas também a atratividade que este instrumento pedagógico tem para tornar-se um material consumível para os alunos que vão fazer uso dele. Capas atrativas, imagens coloridas, linguagem acessível, são recursos utilizados na produção dos LDs.

Para suprir esse mercado editorial, dentro da própria lógica capitalista, os Livros são produzidos não somente por seus autores, mas por uma equipe especializada em cada parte que compõe o livro: supervisor editorial, editor, copy-desk, pesquisador iconográfico, editor de arte, produtor gráfico, entre outros, chegando a um grau de impessoalidade que descaracteriza o material produzido como sendo de uma única autoria.

Os Livros Didáticos analisados **Tempo e Espaço- História** de Flávio Beruti, e **História do Brasil** de Elza Nadai e Joana Neves são, respectivamente, de 2004 e 1999.Nesses momentos a Lei 11.645/08 que aborda a obrigatoriedade do Ensino principalmente nas disciplinas de literatura, história do Brasil e artes a história dos afro-brasileiros e indígenas e suas contribuições para composição da História do Brasil, ainda não havia sido implementada.

Atualmente, no Plano Nacional do Livro Didático, em seu guia 2014, produzido no ano de 2013, este afirma que as mudanças na área de História e Ensino de História não são transferidas na mesma velocidade aos Livros Didáticos, mas (2013, p. 10), temos avanços significativos na abordagem da História dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas. Como pudemos observar e refletir, as representações imagéticas nos dois Livros Didáticos selecionados, mesmo antes da Lei 11.645/08, possuem avanços significativos na composição/inclusão dos indígenas na História do Brasil(a descrição de cada indígena em sua etnia e não de maneira genérica, a sugestão de que as imagens são frutos de um determinado autor e de como realmente era). Porém, almeja-se mais. Ainda encontramos as antigas estruturas dos Livros Didáticos nos quais as imagens tem a finalidade de ilustrar, alegrar a página, compor o capítulo de uma maneira esteticamente atrativa. Das representações iconográficas analisadas poucas são compreendidas como texto, uma fonte que em si carrega significados próprios que necessita ser historicizada, já que esta não é fruto do real, do que realmente aconteceu, mas produto de um determinado meio, que carrega as concepções do autor da imagem (seja ela pintura, fotografia, desenho) e não do objeto/pessoa retratada.

No que se refere aos indígenas, em alguns momentos, a sua vitimização ainda está presente, bem como a atribuição (através de leituras mais apuradas do texto escrito e da legenda) de protagonismo ao português é evidenciada. Almeja-se que o indígena seja representado nos Livros Didáticos como agente histórico, autor de suas decisões e motivações pessoais, como versa a Lei 11.645/08, como populações que foram exploradas e alguns grupos totalmente dizimados, mas que estão presentes na atualidade e requerem seus direitos em alguns momentos como donos da terra, em outros como autores de sua História. É necessário vislumbrar novos horizontes para a composição da História Indígena, nos diversos âmbitos produtores de saber, e nesse contexto, o livro didático de História, como uma fonte de saber escolar, que acompanha o aluno durante toda sua trajetória escolar, faz parte do cotidiano das famílias, e dos professores do Ensino Básico, é um elemento fundamental e necessário na contribuição das novas perspectivas historiográficas na composição da História dos Povos Indígenas no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar Antônio Calegaro. **A cultura escolar material, a modernidade e a aquisição da escrita no Brasil no século XIX**. 2012

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. A cultura escolar na historiografia da educação brasileira: alcances e limites de um conceito. In: **Cultura Escolar, Migrações e Cidadania**. 2010.

BERUTTI, Flávio. **Tempo e Espaço- História**- Ensino Médio, único, 1º edição. São Paulo Saraiva, 2004.

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

BUENO, João Batista Gonçalves. **Representações iconográficas em livros didáticos de História.** Campinas, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Uma imagem vale mais que mil palavras! In: **Ensino de História:** sujeitos, saberes e práticas, FAPERJ, 2007.

COELHO, Mauro César, A história, o índio e o livro didático: apontamentos para uma reflexão sobre o saber Histórico Escolar. In: **A História na Escola**: Autores, livros e leituras. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CONCEIÇÃO, Lúcio André de Andrade da**.** As leis 10.63903 e 11.64508 se fazem necessárias? **Revista de Educação**. Salvador, nº 63.dez 2008,p34-35.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. O Livro Didático e a pedagogia do Cidadão: o papel do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no Ensino de História. **SAECULUM**, Revista de História 13, João Pessoa, jul./dez de 2005.

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. Imagens contraditórias e fragmentadas: Sobre o lugar dos Índios nos Livros Didáticos. 1996. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.77, nº186, p.409-437. Disponível em: http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/510/522.

JULIA, Dominique, A Cultura Escolar como Objeto Histórico. 2001.

KOEHLER, Ana Luiza, Fotografia e História: Educando o olhar sobre a cidade. Disponível em :http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/164-2.pdf

MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. **A representação sobre os índios nos livros didáticos de história do Brasil.** João Pessoa, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Popular, Comunicação e Cultura). Universidade Federal da Paraíba.

MAUAD, Ana Maria, Ver e conhecer: o uso de imagens na produção do saber histórico escolar in: **A escrita da História Escolar: Memória e Historiografia**. – Rio de Janeiro: Editora FGV,2009.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. História, etnia e nação: o índio e a formação nacional sob a ótica de Caio Prado Júnior. **Memória Americana**, V16, n 1, p..63-84.2008.

MONTEIRO, Diogo Francisco da Cruz**. Índios e iconografia: análise das representações em Manuais de História do Brasil (1922-1996),** 2009. Disponível em http://200.17.141.110/pos/antropologia/seciri_anais_eletronicos/down/GT_05/Diogo_Francisco_Cruz_Monteiro.pdf.

MONTEIRO, John Manoel. **Tupis, Tapuias e Historiadores**, Estudos de História Indígena e do Indigenismo. Campinas, agosto de 2001.

NADAI, Elza; NEVES, Joana, **História do Brasil**, 2º Grau, - Editora Saraiva,1997.

PEREIRA, João Paulo Costa Rolim. **Os Indígenas na Primeira História da Paraíba: um Estudo Sobre a História da Província da Parahyba de Maximiano Lopes Machado**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal da Paraíba, 2012. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2012_mest_joao_pereira.pdf.

PAIVA, Eduardo França**. História e Imagens**. 2ed. Belo Horizonte: Autentica,2004.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil de Varnhagen a FHC**.8ed. Rio de Janeiro: Editora FGV,2006.

MENDES, André **A guerra do Paraguai na Literatura Didática: Um Estudo Comparativo.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. 2011, disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2011_mest_andre_salles.pdf

SANTOS, Kléber Rodrigues. **Representações sobre indígenas em textos escritos e imagéticos de livros didáticos de História do Brasil**. São Cristóvão, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação).Universidade Federal em Sergipe.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças,** Cientistas Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TACCA, Fernando de, O índio na fotografia Brasileira, incursões sobre a imagem e o meio. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan. Mar. 2011, p.191-223. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v18n1/12.pdf.